

Organização  
**SALA 117**

Coordenação e Produção  
**Olinda Magalhães**

Curadoria  
**Luís Albuquerque Pinho**  
**Luís Pinto Nunes**

Apoio à produção  
**Inês Afonso Lopes**

Design de Comunicação  
**Luís Cepa**

Fotografia  
**Filipe Braga**

Comunicação  
**MSImpacto**

**A** **L** **L**  
**O** **F** **F**

[www.sala117.com](http://www.sala117.com)

Terça a Sábado  
**15h00 — 19h00**

Rua Damião de Góis, 200  
4050-222 Porto

tlf +351 220 129 924  
tel +351 919 728 080  
info@sala117.com  
www.sala117.com

C

Andreia Santana  
(Lisboa, 1991)

Concluiu a licenciatura em Artes Plásticas Escola de Artes e Design de Caldas da Rainha e participou do Programa de Estudos Independentes em Artes Visuais da Maumaus / Lumiar Cité em Lisboa. Desde 2013, tem participado em vários programas de residências artísticas, nomeadamente a Residency Unlimited em Nova York com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, Panal 360 em Buenos Aires, Mieszkanie Gepperta Residency Gallery em Wrocław, Polónia e Gasworks / Triangle Network no Hangar em Lisboa. Ganhou o Prémio NOVO BANCO Revelação em 2016 e o Prémio de Escultura D. Fernando II, apresentando regularmente o seu trabalho em Portugal e no estrangeiro, destacando as exposições: História da Falta no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto em 2017; New Skin, Old Stone no Old School, Lisboa em 2017; The Lobster Loop na MONITOR Gallery, Lisboa em 2017, Pousio / Fallow (screening) - Fuso, MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa em 2016; No water on the other's edge na Galeria Mieszkanie Gepperta, Wrocław.

D

Nuno Henrique  
(Funchal, 1982)

Em 2016 concluiu mestrado em Belas Artes no Pratt Institute em Nova Iorque. Licenciou-se em Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2005. Frequentou de 2008/10 o Projecto Individual na Ar.Co em Lisboa. Em 2008 foi assistente de produção da Porta 33. Para além de diversas exposições colectivas, destacam-se as seguintes exposições individuais: Revolver cobras e pedras, Módulo Centro Difusor de Arte, Lisboa em 2017; o livre uso dos elementos no Museu do Dinheiro - Banco de Portugal, Lisboa em 2016; RATS na Rooster Gallery, Nova Iorque em 2015; As Saudades da Terra na Módulo Centro Difusor de Arte, Lisboa em 2012; e O velho Dragão que existia na Ponta do Garajau caiu ao mar durante uma chuvada intensa de sudeste, ocorrida no equinócio de Outono de 1982 na Porta 33, Funchal em 2010. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, vencedor do 2º Prémio, IV Certamen de Dibujo Contemporáneo Pilar y Andrés Centenera Jaraba, Madrid 2013.

A

Dayana Lucas  
(Caracas, 1987)

Viveu em Caracas até os 15 anos, em 2003 mudou-se para a Ilha da Madeira em Portugal e posteriormente para o Porto, onde obteve a licenciatura em Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2010. Nesse mesmo ano começou a trabalhar como designer freelancer em projectos na área da cultura, tendo desde então colaborado em diversos projectos junto com artistas de diversas áreas e instituições culturais. No mesmo ano de 2010 é co-fundadora junto com quatro amigos da Oficina Arara, uma “arena d’artes gráficas e outros movimentos inconclusivos”. A par do trabalho como designer desenvolve investigação e prática regular na área do desenho, sendo central no seu trabalho o mapeamento sintético de forças ocultas no vazio.

B

Diogo Tudela  
(Porto, 1987)

Licenciado em Som e Imagem pela Universidade Católica Portuguesa – Escola das Artes, tendo concluído mestrado em Artes Digitais em 2011. É programador e investigador independente cuja prática envolve ficção teórica, computação especulativa, práticas de simulação e mecatrónica. Apresentou projectos artísticos no campo do new media e som em diferentes contextos como por exemplo Future Places, Serralves em Festa, Semibreve Festival, Projeto I.M.A.N. projetos artísticos. O seu trabalho e pesquisa mais recente incide sobre objetos de gênese textual e os limites ontológicos da manipulação da matéria.

Quando se passa à execução,

uma evidência em desenho é o erro. Quando observamos um desenho, conseguimos facilmente identificar as hesitações de quem o realizou, as alterações à forma que este sofreu, as suas definições de materiais e de expressividade. Partindo-se de uma linha, que em poucos gestos define uma estrutura e método, para posteriormente dirigir-se às questões da superfície – tratamento de luz e textura. Estas folhas compreendem a formalização de uma ideia, o esboço de um projecto. São várias as características do desenho: o suporte, os materiais e técnicas, a gestualidade e maneirismo, que se tornam identitárias da tipologia do desenho e também do seu autor.

Antes de se considerar uma folha uma obra de arte, o desenho define-se como um método para a organização do pensamento – factor que lhe é indissociável. Quando se desenha, não há um traço que não seja premeditado, todos ficam inscritos, como reflexo daquilo que observamos ou pensamos, procurando criar uma lógica e sentido.

Os seus modos são transversais às áreas de criação, são o elemento de projecto que serve acima de tudo para organizar e sistematizar ideias, clarificando-as. Relações entre traços que permitem planear e revelar, como o contorno e o dintorno de uma figura de modelo, ou as relações entre palavras e conceitos que dão ritmo a um texto, formando assim um todo. O desenho é um instrumento de acção, uma conduta do pensamento, que no entanto transgride o seu suporte e faz-se ultrapassar a si mesmo.

*“Quando sobre uma folha de papel branco marcamos um ponto, poderemos dizer, embora convencionalmente, que este ponto organiza tal folha, tal superfície, tal espaço, a duas dimensões, sabido como é que a sua posição pode ser definida por dois valores (x, y) em relação a um determinado sistema de coordenadas. (...) Para além da terceira dimensão, podemos ainda acrescentar a “dimensão t (tempo), dispondo-se assim de um conjunto de dimensões que permite localizar o mesmo ponto em cada posição da sua trajectória e em relação a um determinado sistema de coordenadas.”*

*Da Organização do Espaço, Fernando Távora. 1996*

O estudo prévio foi rendido pela execução. O tempo é um factor que se alia à prática do desenho, nunca um desenho que se dedica somente às questões da superfície, atinge a primazia sem o seu estudo e organização da estrutura. A relação com o tempo, tem-se deteriorado, factor resultante de uma urgência, mais do que moderna, que nos impede a plena execução.

A exposição observa esta questão da organização e sistematização de métodos de pensamento, resultantes da escassez de tempo disponível para fazer este exercício do ‘desenho’ que admite o erro e o estudo de hipóteses. As associações entre cada uma das obras em exposição vive da lógica do pensamento e dos seus acasos, partindo de uma pureza muito objectiva dos materiais, luz, metal, papel e vidro, nos seus estados puros, transmitindo uma genuinidade de execução que se deixa envolver pela densidade de cada um. Esta pureza inerente aos materiais que constituem as obras em exposição são plasmadas no seu ‘desenho’, promovendo associações entre cada uma possibilitando variações à interpretação da forma.

O que se define como forma da exposição, é desenvolvido no estudo de Fernando Távora na qual é referido que “aquilo a que chamamos espaço é também forma, negativo ou molde das formas que os nossos olhos apreendem, dado que num sentido visual (...) o espaço é aquilo que os nossos olhos não conseguem apreender por processos naturais.”

Assim, é proposto um exercício de entendimento da intenção de ALL OFF que é fruto das relações que as obras sugerem, partindo da ocupação do dintorno do ‘desenho’ da exposição. A reverberação e luz são elementos que caracterizam as obras em exposição, que reflectem e emanam, tirando partido da arquitectura da galeria, preenchendo o espaço em negativo da exposição. Esta ocupação do cheio pela mancha e tratamento da luz com o a definição da superfície do ‘desenho’ que trata exposição, vivendo de um espaço incorporado, modelam a relação entre cada uma das obras e artistas.

Março de 2018  
Luís Albuquerque Pinho  
Luís Pinto Nunes

- A Dayana Lucas
- Sem Título**, 2018  
Marcador preto sobre papel
- Bicho**, 2018  
Serigrafia a uma cor, preto  
[impressão: Oficina Arara]
- B Diogo Tudela
- MOTORDROMO**, 2018  
Gravura sobre discos cobre, mesa de mistura automatizada, monitores áudio
- C Andreia Santana
- Facsimile [#1/#2/#3]**, 2018  
Impressão a jacto de tinta sobre papel fine art
- D Nuno Henrique
- “... que, então, era toda coberta de dragoeiros e zimbros e outras árvores até o mar.”**, 2012
- Calco de inscrição 66 e 67**, 2012
- Caixa de cartão, papel Fabriano Bioprima tingido com guache acrílico, humedecido e pressionado sobre inscrição lapidar, colado com PVA
- „Saudades da Terra : Livro II, Capítulo IX, manuscrito de Gaspar Frutuoso [1522-1591]
- Nova ed. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998
- s/ título**  
da série *Undulations*, 2018
- Vidro termoformado, argila PLUS e espelho
- s/ título**  
da série *Undulations*, 2018
- Vidro soprado com molde e cortado, argila PLUS e espelho
- Undulations**, 2018  
a partir de *The Brithish Headquarters Maps*, Manhattan circa 1782.
- Impressão sobre papel de arroz colado sobre parede  
© The National Archives of the UK, ref MR1/463

